



# PPGS UFMG

Programa de Pós-Graduação em Sociologia | FAFICH

Mestrado e Doutorado em Sociologia

Disciplina: Metodologia I

Esta disciplina se move em torno da seguinte questão: se é possível afirmar que a ciência é uma forma privilegiada de conhecimento, em que consiste esse privilégio? Uma resposta possível seria a de que o conhecimento científico é o único que sistematicamente se submete a testes, ao formular enunciados aos quais se pode dirigir o *modus tollens*. Com efeito, em seu livro *Constructing Social Theories*, de 1968, Arthur Stinchcombe defendeu o argumento de que todo o edifício da inferência científica se funda em um único procedimento: dirigir o *modus tollens* a enunciados determinados. Dirigir o *modus tollens* a um enunciado é derivar conseqüências empíricas desse enunciado e testá-las. Se essas não resistem ao teste, o enunciado foi falseado. Em termos gerais, a fórmula é: se p, então q; não q, logo não p. Essa concepção de inferência científica desfruta hoje de um status canônico nas ciências sociais. Ela é veiculada pelos livros-textos e ensinada nos cursos introdutórios de Metodologia. Não obstante, ela tem sido alvo de críticas contundentes. Nos anos 1960, o filósofo da ciência Thomas Kuhn atacou-a com o argumento de que os cientistas não são treinados para dirigir o *modus tollens* a teorias, mas para ignorar as evidências que as contrariam. Nos anos 1970, Paul Feyerabend atacou-a com o argumento de que a ciência só pôde progredir porque apesar de os epistemólogos recomendarem o uso do *modus tollens*, os cientistas foram sábios o suficiente para ignorar tal recomendação. Há, entretanto, uma objeção mais contundente porque, ao invés de envolver considerações sobre o comportamento dos cientistas, envolve uma rejeição radical da própria idéia de que é possível derivar conseqüências empíricas de enunciados determinados. Refiro-me à crítica formulada pelo filósofo W. V. Quine, segundo a qual o significado de um enunciado reside na inserção deste último em um conjunto mais amplo de enunciados. Enunciados isolados, nesta perspectiva, nada significam. Se nada significam, não podem servir de ponto de partida para a derivação de conseqüências empíricas passíveis de teste e, daí, a própria noção de dirigir o *modus tollens* a enunciados determinados perde o sentido. Karl Popper era ciente desta crítica mas ainda assim não via problema em considerar o *modus tollens* como a pedra de toque da inferência científica, e Imre Lakatos propôs o que chamou de “Metodologia de Programas de Pesquisa” como uma solução popperiana para o problema levantado pelo pensamento de Quine. O curso de

Metodologia I tem por objetivo familiarizar o estudante com toda essa discussão, tendo em vista que desde a crise da Física no final da século XIX é ela (a discussão) que tem marcado qualquer esforço mais sério no sentido de responder as duas questões citadas inicialmente.

#### Bibliografia:

1. F. Bacon. *Novum Organum*, Aforismos I a LXXXV. (complementar)
2. A. Stinchcombe, *Constructing Social Theories*, Capítulo 1. (complementar)
3. K. Popper, *A Lógica da Pesquisa Científica*, capítulo 1 (complementar).
4. \_\_\_\_\_, *Conjecturas e Refutações*, Introdução (As Origens do Conhecimento e da Ignorância)
5. T. Kuhn: *A Estrutura das Revoluções Científicas*.
6. K. Popper, *Conhecimento Objetivo*, Cap. 3 (Epistemologia sem um Sujeito Conhecedor)
7. K. Popper, *Conhecimento Objetivo*, Cap. 2, Seção: “Uma reflexão ulterior sobre a indução”.
8. K. Popper, *Conjecturas e Refutações*, Cap. 3 (Três pontos de vista sobre o conhecimento humano).
9. I. Lakatos, “O Falseamento e a Metodologia dos Programas de Pesquisa Científica”, in I. Lakatos e A. Musgrave (orgs.), *A Crítica e o Crescimento do Conhecimento*.
10. P. Feyerabend, *Contra o Método*, Introdução e capítulos 1 e 14.